

Posição socioeconômica, classe e autoavaliação do estado de saúde: aplicação da técnica da análise de correspondência – pesquisa suplementar de saúde da Pnad/2008.

Socioeconomic position, class, self-assessment of health state: technical application of correspondence analysis – supplement of health research Pnad 2008.

MARCELA FERNANDA DA PAZ DE SOUZA

RESUMO

A posição socioeconômica engloba os fatores sociais e econômicos que são determinantes para a localização dos indivíduos e dos grupos na estrutura social, como, por exemplo, classe, ocupação, renda, raça e gênero. São as medidas de posição socioeconômica que indicam as localizações estruturais particulares dentro da sociedade (LYNCH; KAPLAN, 2000). Este estudo propõe-se realizar uma análise descritiva da associação entre o posicionamento socioeconômico e a autoavaliação do estado de saúde. A medida de posição socioeconômica adotada neste artigo é classe. Espera-se, ainda, verificar as possibilidades da aplicação da técnica multivariada de análise de correspondência (anacor) para o objetivo de estudo acima apresentado. A classificação socioeconômica para o Brasil é a elaborada por Figueiredo Santos (2005; 2013). Utiliza-se o Suplemento Saúde da Pnad do ano de 2008 para a autoavaliação do estado de saúde. Verificou-se que,

apesar da relativamente baixa explicação da medida de posição socioeconômica — medida classe — com a autoavaliação de saúde, houve uma tendência linear do topo das categorias de classe em relação ao melhor estado de saúde. Observou-se a dimensão 1 como a mais proeminente na capacidade explicativa da variância dos dados. Constatou-se que a categoria “subsistência” foi a mais forte na dimensão 1, na análise da coluna. A técnica de análise de correspondência se referiu ao objetivo descritivo de verificação da associação entre o posicionamento socioeconômico — medida classe — e a autoavaliação do estado de saúde. Houve clareza na posição das relações estabelecidas entre as categorias, similaridades, aproximações ou as distâncias no mapa perceptual.

Palavras-chave: Posição socioeconômica, Autoavaliação do estado de saúde, Técnica de análise de correspondência.

ABSTRACT

Socioeconomic position includes social and economic factors – such as class, occupation, income, race, gender, for example - which are decisive for the location of individuals and groups in the social structure. The socioeconomic status measures are the factors that indicate particular structural locations within society (LYNCH, KAPLAN, 2000). This study aims to carry out a descriptive analysis of the association between socioeconomic position and self-assessment of health status. The socioeconomic status measure adopted in this article is class. Checking the possibilities of application of multivariate technique of correspondence analysis (anacor) for the purpose of the study presented above is expected too. The socioeconomic classification for Brazil is developed by Figueiredo Santos (2005; 2013). It uses the Health Supplement of the Year 2008 National Household Survey for Self-Evaluation of Health Status. It was found that despite the relatively low explanation of socioeconomic status measurement — measured class — with the self-rated health, there was a linear trend from the top of the class categories in relation to better health. The Dimension 1 was observed as the most prominent in the explanatory power of the data variance. The Category Survival was found as the strongest in the Dimension 1, in the Column analysis. The Correspondence analysis technique referred to the descriptive purpose of the verification of the association between socioeconomic position – class measured - and the self-assessment of health status. There was clearness in the position of the established relations between the categories, similarities, approaches or distances in the perceptual map.

Key-words: Socioeconomic position, Self-assessment of health state, Correspondence analysis technique.

1. INTRODUÇÃO

A posição socioeconômica engloba os fatores sociais e econômicos que são determinantes para a localização dos indivíduos e dos grupos na estrutura social — como, por exemplo, classe, ocupação, renda, raça e gênero. São as medidas de posição socioeconômica que indicam as localizações estruturais particulares dentro da sociedade (LYNCH; KAPLAN, 2000).

A posição socioeconômica é um importante fator de análise, descritiva ou causal, das distintas formas de acesso aos recursos que implicam maior possibilidade nas chances de saúde (FIGUEIREDO SANTOS, 2011; LYNCH; KAPLAN, 2000).

O conceito de classe social é usado para expressar a posição socioeconômica das pessoas. Em uma abordagem da tradição marxista de classe, tem-se a diferença entre ocupação e classe: “enquanto ocupações representam posições definidas no âmbito das relações técnicas de produção, classes caracterizam-se pela sua localização dentro das relações sociais de produção” (FIGUEIREDO SANTOS, 2002, p. 47).

Nesta direção, a proposta da reflexão é realizar uma análise descritiva da associação entre o posicionamento socioeconômico — adotando como variável de análise de posicionamento, classe — e a autoavaliação do estado de saúde. Espera-se, ainda, verificar as possibilidades metodológicas da técnica multivariada de análise de correspondência (anacor), para o objetivo de estudo acima apresentado.

Embora a proposta da pesquisa coadune que indicadores de raça, etnia, gênero, idade, entre outros determinantes sociais, impactam em maior ou menor grau — de maneira persistente, embora não unidirecional, com ligações distintas e mutantes — na reprodução das desigualdades em saúde, de acordo os mecanismos aos quais estão associados (LINK & PHELAN, 1995), adota-se como variável de análise de posicionamento socioeconômico a classe. Isto porque a classe constitui um robusto fator preditivo ou interveniente dos determinantes das chances em saúde (FIGUEIREDO SANTOS, 2011; 2013).

Os eixos centrais para a proposta do artigo — conceito de desigualdade em saúde, posição socioeconômica e as variáveis de análise de posição socioeconômica — serão sucintamente apresentados na próxima seção. Já a seção “Posição socioeconômica, classe e autoavaliação do estado de saúde: um estudo de caso da técnica de análise de correspondência” desenvolve os objetivos centrais deste estudo. Utilizou-se, para fins de pesquisa, a tipologia da Classificação Socioeconômica para o Brasil (FIGUEIREDO SANTOS, 2005; 2013); o Suplemento Saúde PNAD, 2008; e o *software SPSS 15*.

Reforça-se que a opção em utilizar a técnica anacor é realizar uma análise descritiva, como é própria da natureza da Análise de Correspondência. Não se propõe, portanto, realizar inferências de causa e efeito. As observações das relações mais fortes, das categorias que possuem maior valor de inércia e, assim, maior domínio sobre as demais não implicam explicações de efeito (BATISTA; ESCUDER; PEREIRA, 2004).

2. DESIGUALDADE EM SAÚDE, POSIÇÃO SOCIOECONÔMICA E VARIÁVEIS DE ANÁLISE DE POSIÇÃO SOCIOECONÔMICA PARA AVALIAÇÃO DA DESIGUALDADE EM SAÚDE

O conceito de desigualdade se refere a “uma medida do grau de associação entre diferenças nas taxas entre grupos e a distribuição da população entre grupos” (KLEIN & HUANG, 2010, p. 10). No que tange à desigualdade em saúde, esta medida é um valor único do “grau de associação entre taxas para um indicador de saúde e a distribuição da população entre grupos ordenados ou o grau de variação das taxas entre os grupos não ordenados, ponderado pelo tamanho do grupo” (KLEIN & HUANG, 2010, p. 10). É importante, para a reflexão do objeto proposto, o esclarecimento e a diferenciação conceitual de dois termos

– disparidade em saúde e desigualdade em saúde. Outro conceito fundamental para não tornar este estudo de base meramente descritiva e despolitizada é o de equidade (ANTUNES, 2015).

Quadro I – Diferenças conceituais – Disparidade, Desigualdade, Inequidade

Disparidade	Desigualdade	Inequidade
Disparidade é a quantidade que separa um grupo a partir de um ponto de referência sobre uma medida particular de saúde que é expressa em termos de taxa, proporção, significância ou alguma outra medida quantitativa (HP2010).	Grau de associação entre taxas para um indicador de saúde e a distribuição da população entre grupos ordenados ou o grau de variação das taxas entre os grupos não ordenados, ponderado pelo tamanho do grupo.	A diferença na distribuição ou atribuição de um recurso entre os grupos (geralmente expressa como taxas específicas de grupo). Equidade em saúde é a partilha equitativa dos determinantes da saúde, resultados e recursos dentro e entre os segmentos da população, independentemente da posição social.
Apresenta implícito o valor de julgamento*.	**Apresenta o valor de julgamento.	

Fonte: Klein; Huang, 2010, p. 4. * *Apud*, Based on Harper et al Implicit Value Judgments in the Measurement of Health Inequalities. The Milbank Quarterly, Vol. 88, No. 1 (pp. 4–29), 2010.

** Krieger (2005 *apud* Krieger 2015).

Conforme Krieger (2015), ao dimensionar o conceito de desigualdade em saúde em base politizada e crítica, explica-o como construído com base nas e como reflexo das injustiças sociais.

Nós explicitamente esclarecemos que as desigualdades sociais em saúde “surgem de desigualdades que envolvem, isoladamente ou em combinação, condições adversas de vida e de trabalho e cuidados inadequados de saúde, os quais são ligados a experiências e políticas que envolvem a posição socioeconômica [...] e a discriminação” (Krieger, 2005 *apud* Krieger, 2015).

No tocante à posição socioeconômica, a estratificação social e a classe social são consideradas pela *Commission on Social Determinants of Health* (CSDH) como os dois indicadores mais robustos para a verificação dos impactos da posição sobre as desigualdades sociais de saúde (SOLAR & IRWIN, 2010). A estratificação é a distribuição assimétrica dos indivíduos ou grupos entre as categorias sociais, com a ordenação hierárquica, implicando um amplo *gap* no acesso aos recursos — materiais (riqueza e renda); simbólicos e de posição social; emocionais (amor, afeição e sexo). Mede-se o gradiente da estratificação pela desigualdade, pelo “grau de variabilidade na dispersão das pessoas entre os *ranks* da categoria social” (MASSEY, 2008).

Se há, na tradição marxista, “a noção de classe com base na posição dos agentes sociais no sistema de produção, havendo, portanto, tantas classes quantos tipos fundamentais de posição” (BOUDON & BOURRICAUD, 2007, p. 214), na teoria da estratificação, em uma tradição weberiana, se “define a noção de classe ou de estrato com base em

indicadores de *status*” (BOUDON & BOURRICAUD, 2007, p. 214-215). Situa-se o termo *status*, em sua forma combinada das dimensões horizontal e vertical, “definindo o *status* como o conjunto das relações igualitárias e hierárquicas que o indivíduo mantém com os outros membros de seu grupo” (BOUDON & BOURRICAUD, 2007, p. 543). A posição em um *status* está relacionada, também, aos atributos preexistentes e permanentes, como idade, sexo, emprego e raça, por exemplo.

A classe interfere e contribui na geração, na distribuição e nos condicionamentos das diversas trajetórias de riscos ou de apropriação de vantagens que se reproduzem no curso da vida, o que resulta em uma (re)produção de desigualdades no acesso aos recursos para a prevenção e para o cuidado com a saúde (COCKERHAM, 2007).

A adoção da medida de posição socioeconômica pode variar de acordo com a abordagem teórica e análise do pesquisador na compreensão de qual(is) fator(es) determina(m) com maior proeminência a desigualdade em saúde (LYNCH & KAPLAN, 2000).

Quadro II – Compêndio de medida baseada em área ou indivíduo de posição econômica^{1,2}

MEDIDA DE ÁREA/CENSO*	
Estrutura ocupacional (WING et al., 1992; ARMSTRONG; CASTORINA, 1998).	Informação sobre % empregadores colarinho branco; % desempregado; média de salário na manufatura ou outros setores econômicos; % força de trabalho sindicalizado.
Estrutura educacional (MORRIS et al., 1996).	Informação sobre % de college graduados; % alto graduados na escola; % com menor educação primária; média leitura e <i>scores match</i> .
Estrutura econômica (KAPLAN et al., 1996; LYNCH et al., 1998; JARGOWSKY, 1996).	Informação sobre a distribuição de renda; média de renda; segregação econômica; % na pobreza; valores em casa; casa própria; carro próprio; % <i>welfare</i> e outras assistências do governo; % de crianças em casa <i>single-headed</i> ; pesquisa de renda; <i>mortgage</i> como % renda.
Exploração econômica (BOSWELL; DIXON, 1993).	<i>Ratio</i> do valor adicionado para salários em certos setores da economia.
Características da casa (KOOPMAN et al., 1991; POLEDNAK, 1997).	Informação sobre a idade da construção; infestação de vetor; densidade populacional por casa; acesso ao <i>plumbing</i> ; cozinha, telefone; água; segregação residencial; <i>sewerage</i> .
Base pesquisa (TROUT, 1993).	Informação sobre o número de supermercados; estabelecimento para bebidas; serviços públicos e privados.
Área de pobreza – U.S. (HAAN et al, 1987).	Mais de 20% das casas abaixo do nível de renda da pobreza.
<i>Hardship ,material</i> – U.S. (MAYER; JENCKS, 1989).	Informação combinada sobre as necessidades de alimento, casa e cuidado médico.
Privação de área – U.K. (TOWNSEND, et al. 1988; Earnes et al. 1993; Carstairs, 1995).	Informação combinada sobre desemprego, carro e casa própria, <i>overcrowding</i> , etc.

*Muitas destas medidas são derivadas do Censo e poderão ser *gathered* de outras pesquisas privadas e administrativas.

¹ Este quadro está apresentado com as adaptações da autora. Para fins deste artigo, excluiu-se deste quadro a síntese dos estudos das medidas de nível individual. A partir do enfoque abordado pela autora, alterou-se a posição dos estudos de Erik Olin Wright, que na tabela original estão enquadrados como de nível individual e também se encontra classificado como um híbrido da visão marxista e weberiana.

² No quadro original, Lynch & Kaplan (2000) explicam que há casos específicos, cujas medidas de nível individual e de área não são excludentes.

3. POSIÇÃO SOCIOECONÔMICA, CLASSE E AUTOAVALIAÇÃO DO ESTADO DE SAÚDE: DA TÉCNICA DE ANÁLISE DE CORRESPONDÊNCIA

A classe “delimita a institucionalização na sociedade de um modo estruturado, durável, relacional de combinação de determinados recursos (i.e., ativos produtores de valor) e resultados (i.e., renda)” (FIGUEIREDO SANTOS, 2013, p. 270). Os processos culturais de reprodução de classe se apresentam, portanto, em conexão com a realidade concreta.

O contributo de uma análise de classe de Wright se baseia no contexto de uma tradição da “análise de classe e da sua aplicação na investigação comparativa dos ‘efeitos de classe’ no capitalismo contemporâneo” (FIGUEIREDO SANTOS, 2005, p.33). O conceito de estrutura de classe é definido por relações sociais entre as classes.

Com o propósito de conectar os níveis concreto e micro de análise aos macroconceitos mais abstratos e captar os problemas da realidade empírica, Wright se dedica a compreender os efeitos da localização de classe (1) na consciência e (2) na ação individual. A localização de classe ocorre no nível micro. Os indivíduos e, às vezes, as famílias ocupam as localizações. E isto significa ser afetado por um conjunto de mecanismos que determinam as possibilidades e os limites encontrados ao fazer escolhas e agir no mundo. Localização, portanto, não se refere a uma classe, mas a localizações dentro das relações de classe. As possibilidades e os limites da localização de classe dependem das propriedades emergentes da estrutura social como um todo que mediatizam os microprocessos (FIGUEIREDO SANTOS, 2005).

Wright problematiza sua noção de localização de classe, à medida que esta dimensão de localização apresenta um sentido estático, restrito a emprego (*Jobs*). Com o objetivo de captar o modo de os indivíduos viverem, conecta o sentido de estrutura de classes a microconceitos, desenvolvendo, para tanto, a localização de classe situada na esfera mediata e temporal. As relações *mediatas* incluem as relações sociais de modo mais amplo, aquelas que ligam os indivíduos à estrutura de classes. Inclui as relações com os familiares e com o Estado, ambas, estabelecem vínculos indiretos entre o indivíduo e os recursos produtivos. Wright demonstra que as relações de gênero perpassam a família e formam a base para a definição de localização de classe *mediata*, permitindo, inclusive, dissolver o dualismo classe/gênero. As localizações de classe *temporais* implicam o fato de determinados empregos estarem associados a trajetórias de carreira que alteram o vínculo de classe através do tempo. Em um plano concreto de análise, a estrutura de classe envolve a totalidade das relações de classe diretas, mediatas e temporais (FIGUEIREDO SANTOS, 2002).

A natureza dos interesses gerados pelas relações de classe pode ser explicada pelo conceito de exploração. A exploração implica a apropriação do excedente do trabalho do explorado, pois o bem-estar material e o econômico do explorador ocorrem de acordo com a possibilidade de apropriação. À privação do explorado soma-se, então, a atividade produtiva e o esforço do explorado. Na proposta de um novo mapeamento da estrutura de classe, Wright apresenta como base de pesquisa o nexos ativo/exploração.

Os ativos produtivos são recursos geradores de renda, independentemente da natureza. O conceito de exploração deve ser compreendido em uma abrangência *relacional*: as formas desiguais de distribuição do poder e do bem-estar econômicos.

Há a existência dos ativos organizacionais que se comportam como um recurso produtivo específico e são administrados em um contexto da divisão técnica do trabalho. Pois o próprio modo como o processo produtivo se organiza é um recurso produtivo em seus próprios termos. O ativo expressa a organização, as resoluções acerca da divisão técnica. Entretanto, este ativo é controlado através de uma hierarquia de autoridade. A existência de uma multiplicidade de formas de exploração abre o espaço de reflexão para a existência de “localizações contraditórias de classe”, que podem ser ao mesmo tempo exploradores e explorados variando nas dimensões e, igualmente, podem-se encontrar localizações contraditórias segundo o nível *per capita* do ativo pertinente. Cada localização é caracterizada pela distribuição de ativos geradores de exploração. É esta localização que sinaliza o determinante básico da matriz de possibilidades objetivas enfrentadas pelos indivíduos, o que significa as alternativas reais sobre o que fazer e como fazer com o que tem e, ainda, a trajetória global de possibilidades.

A possibilidade de compreender e mapear as interdependências de interesses antagônicos entre o trabalhador e o explorador e a dinâmica de produção e reprodução de desigualdade no âmago do conceito de exploração possibilitam a compreensão do conflito de classes, por exemplo, a partir da formação da estrutura de classes (FIGUEIREDO SANTOS, 2002).

O esquema de classe de Wright é apresentado em um mapa, no qual o autor apresenta uma estrutura de classes, de matriz multidimensional, referente a um tipo específico de rede complexa de relações sociais. Esta rede será determinante no acesso do indivíduo aos recursos produtivos básicos e na modelagem dos interesses materiais baseados na exploração. A distribuição de ativos geradores de exploração é imprescindível para a localização dos indivíduos dentro da estrutura de classes e, ainda, afeta as possibilidades objetivas enfrentadas pelos sujeitos no que se refere às alternativas e à trajetória global de acesso ao mercado. Esta localização se insere diretamente na constituição de uma matriz multidimensional e, desta forma, na estrutura de classes. E é por esta razão que a delimitação da posição de classe deve ser pensada, para Wright, em termos de trajetórias probabilísticas. “O próprio conceito de interesse, central na interpretação de Wright, implica um horizonte ou dimensão temporal da parte dos atores que partilham esses interesses” (FIGUEIREDO SANTOS, 2002, p. 48).

Considera-se que a classificação socioeconômica brasileira foi pensada segundo a conexão entre a ocorrência das classes e a dimensão social relacional presente em um sistema de produção. Como Wright, Figueiredo Santos também assume que as relações de classe são determinadas pelos diferentes tipos de direitos e poderes sobre os recursos produtivos. Portanto, “a noção de relações de classe destaca os padrões estruturados de interação associados à propriedade dos recursos produtivos básicos da sociedade” (FIGUEIREDO SANTOS, 2005, p. 33).

Em uma abordagem weberiana, o conceito de classe se torna importante para a operacionalização da conexão das posições dos indivíduos no mercado capitalista e os efeitos sobre uma desigual distribuição de chances de vida à medida que as variações na posição de mercado são originadas das diferentes poses de ativos relevantes no mercado (BREEN, 2005). Na análise de Goldthorpe, as posições de classe se originam das relações sociais na vida econômica — mais precisamente das relações de emprego —, devendo ser mais aparentes na vida econômica as implicações destas distintas posições de classe (GOLDTHORPE *et al.*, 2004, p. 1). O centro de esquema de classe está estruturado nas diferentes posições dentro do mercado de trabalho e unidades da produção. As chances de vida, delineadas conforme estas distintas posições, apresentam a sua importância na segurança econômica, nas possibilidades de avanço material, nas limitações materiais e nas experiências de afluência (ERIKSON; GOLDTHORPE, 1992).

Na análise do neo-weberiano, as sociedades modernas estão estruturadas na instituição da propriedade privada e do mercado de trabalho e reproduzem divisões de classe derivadas da natureza das relações e das condições de emprego (FIGUEIREDO SANTOS, 2005; 2007). As relações de emprego propostas por Goldthorpe (2004) se baseiam em um contínuo de posições de classe entre relações de serviço e contrato de trabalho. As categorias do esquema de classe tornam-se, portanto, um valioso instrumento para se classificarem as posições centrais dentro de diferentes hierarquias ocupacionais dependentes de uma suposição de posição de classe dentro de cada hierarquia com um aceitável grau de precisão (MALOUTAS, 2007).

A análise de classe empírica construída por Goldthorpe propõe, por meio do esquema de classe, explorar as interconexões delineadas pelas relações de emprego no mercado de trabalho e unidades de produção. Estes processos, quando bem captados, permitem indicar a (re)distribuição de indivíduos e famílias entre as posições e, desta forma, observar as consequências das posições nas chances de vida (BREEN, 2005; GOLDTHORPE; MARSHALL, 1992).

Um dos objetivos do esquema é realizar as distinções das posições dentro dos mercados de trabalho e nas unidades produção, o que significa demarcar as posições referentes ao emprego que as posições presumem. Em uma relação de serviço, a natureza do contrato é determinada pela troca específica e de relativamente curto prazo. Somam-se os fatos de os empregados compartilharem realidades comuns, com certa autonomia e liberdade relacionadas à empresa. Comumente, possuem a delegação da autoridade por parte da empresa, como as funções gerenciais e o aproveitamento do conhecimento especializado e perito nas funções profissionais. Uma das grandes dificuldades nas relações de serviço são as diferenças e os desencontros de informação entre as partes, que tornam falha qualquer tentativa de vigilância ou monitoramento por parte do empregador (ERIKSON; GOLDTHORPE, 1992; FIGUEIREDO SANTOS, 2005).

Os dois esquemas de classe convergem em pontos importantes. Ambos compreendem a relação capital-trabalho como definidora do eixo principal das

relações de classe. As categorias empíricas de análise são subindicadas pelo modelo teórico de referência, e, em consequência, no “conjunto prático” de categorias operacionais, as matrizes das estruturas de classes de ambos não destoam profundamente. Os dois esquemas de classe

destacam a importância das categorias sociais profissionais, gerentes e executivos, funcionários burocráticos, empregados altamente qualificados, que não se encaixam propriamente nas relações de classe polarizadas entre capitalistas e trabalhadores (FIGUEIREDO SANTOS, 2005, p. 32).

A nova classificação socioeconômica para o Brasil contribui para a análise da desigualdade social, na situação específica da sociedade brasileira, pois é um robusto instrumento para a caracterização, a descrição e a explicação da desigualdade, nas esferas da produção e da reprodução, como também na divisão estrutural da sociedade brasileira e nas suas consequências para a renda das pessoas. A “análise de classe” proposta foi construída nos estudos dos efeitos de classe social nas desigualdades historicamente presentes no Brasil: efeitos diretos, mediadores ou interativos (FIGUEIREDO SANTOS, 2002, 2005, 2008 e 2011). Analisando-se o indivíduo como unidade de análise observacional, a noção de localização ou posição de classe do indivíduo implica a posição deste indivíduo nas relações de classe.

Na complexidade do capitalismo contemporâneo há a constituição de complexas relações de classe e redes de poderes e de direitos sobre os recursos produtivos. Assim, mesmo que o poder básico sobre a alocação dos ativos de capital e a operação dos fluxos de renda esteja em posse dos capitalistas, os direitos e os poderes das propriedades podem ser redistribuídos. É justamente o controle de ativos de capital que abrange diferenciações em termos de escala e formas de divisão de trabalho (FIGUEIREDO SANTOS, 2005).

A partir da análise de como os indivíduos se encontram e se relacionam com o sistema de produção e as consequências destas relações de poder na estrutura do emprego, Figueiredo Santos delimitou as distinções primárias em termos de *status* de emprego, nas quais há as categorias “empregador”, “autoempregado”, “empregado”, “empregado doméstico” e “trabalhador excluído da produção” (FIGUEIREDO SANTOS, 2005).

A classificação considera as seguintes posições de classe:

- a) Os proprietários de ativos relevantes de capital: capitalistas e fazendeiros;
- b) Há uma categoria única de pequenos empregadores;
- c) Conta própria: divisão setorial:
 - c. 1) Agrícola: pode ser vista também como uma divisão entre controles de ativo de capital e de terra. Compõe-se dos produtores que possuem acesso a terra e trabalham para si, sem contratarem o serviço de terceiros; e
 - c. 2) Não agrícola: segmentado de acordo com os critérios de controle de ativos produtivos físicos e de recursos de qualificação. Há o controle de algum “capital”, materializado no estabelecimento do empreendimento. Ou quando os trabalhadores conta própria não agrícolas não possuem propriamente estabele-

cimento, beneficiam-se de uma ocupação com qualificação técnica de nível médio. Conforme Figueiredo Santos, este procedimento ocorreu, essencialmente, para realizar uma contraposição com a categoria socioeconômica “conta própria precário”.

d) Conta própria precário: visa a delimitar, de forma aproximada, o grande segmento de trabalhadores por conta própria, porém destituídos de ativos de capital e de recursos de qualificação, que obtêm a sua sobrevivência aplicando a sua capacidade de trabalho na produção e/ou nos serviços no mercado. Esta categoria permite a reflexão do grau de destituição extrema encontrada particularmente entre os trabalhadores de autoconsumo e enfatiza a condição de profunda destituição do segmento. Ressalta-se que uma parte deste último contingente possivelmente compõe-se de formas disfarçadas ou degradadas de trabalho assalariado.

Há, ainda, as seguintes categorias:

e) Empregados especialistas e gerentes: empregos assalariados de classe média ou as localizações privilegiadas de apropriação;

f) Empregados qualificados e supervisores: situações ambíguas de classe entre os assalariados, em termos de componentes de qualificação e autoridade incorporados às estruturas de trabalho. Obs.: “especialistas”, “qualificados” e “trabalhadores” revestem-se de complicações devido tanto à dimensão relativa da definição social da qualificação como à influência da estrutura de oportunidade do mercado de trabalho na especificação do valor econômico da qualificação. A construção operacional da presente classificação adotou uma solução um tanto mais “expansiva” para a categoria de especialistas e para a de gerentes;

g) Classe trabalhadora restrita. Dois segmentos: consideram-se os elementos de agregação e de similaridade de condições de cada categoria no âmbito da divisão social do trabalho e do mercado de trabalho. Trabalhadores elementares: diferenciar seu segmento mais destituído em termos da natureza dos papéis e das tarefas de trabalho. Diferenças entre o trabalhador proletarizado “padrão” e o trabalhador elementar mais “destituído”. Trabalhador elementar mais “destituído”: supõe-se uma aproximação deste em termos de mobilidade de circulação e/ou grau de destituição econômica com as categorias de “conta própria precários” e “empregados domésticos”.

Na exposição “Esquema de classe para abordar a Desigualdade de Saúde no Brasil”, Figueiredo Santos (2013) apresenta a tipologia de classificação socioeconômica construída com 16 posições de classe e quatro agrupamentos de classe: o agrupamento de classe das posições privilegiadas engloba as posições de classe dos capitalistas e fazendeiros; especialista autônomo; gerente; empregado especialista; pequeno empregador. Já o agrupamento dos controladores de ativos de menor valor abrange as posições de classe autônomo com ativo; autônomo agrícola. No agrupamento da classe trabalhadora “não destituída”, encontra-se a posição de classe empregado qualificado; supervisor; trabalhador típico. E, no agrupamento “destituídos de ativos”, há a posição de trabalhador elementar; autônomo precário; empregado doméstico; agrícola precário; trabalhador de subsistência; trabalhador excedente.

Quadro III – Classificação socioeconômica para o Brasil

Categorias de classe	Demarcações na estrutura social
Capitalista Pequeno empregador	A noção de ativos de capital, com as suas diferenciações em termos de escala e modalidade da divisão do trabalho, delimitam as posições de capitalista, pequeno empregador e autônomos com ativos.
Autônomo com ativos	Capitalista e pequeno empregador: posições privilegiadas. Autônomo com ativos: controladores de pouco ativo.
Autônomo agrícola	Situação diferenciada da pequena produção agrícola, na qual existe o controle da terra como ativo produtivo, porém sem a contratação de trabalho assalariado, fica preservada na categoria de autônomo agrícola. Autônomo agrícola: controladores de pouco ativos.
Especialista autônomo Gerente	As regiões sociais das localizações privilegiadas da classe média, que se constituem no interior de trabalho assalariado ou no âmbito da atividade autônoma, diferenciando-se pelo exercício de autoridade ou controle de conhecimento perito, encontra a sua materialização nos especialistas autônomos, gerentes e empregados especialistas. A classificação obtém ganhos de consistência e potencial analítico ao demarcar as categorias de classe média estritamente em termos dos mecanismos dominantes e diferenciados de geração de efeitos, nesses casos, perícia ou autoridade; e, se perito, empregado ou autônomo.
Empregado qualificado Supervisor	A classificação delimita as situações ambíguas de classe dos empregados qualificados e supervisores, como parte integrante de uma configuração de classe trabalhadora ampliada, baseando-se na noção de dominância.
Trabalhador típico	Possui uma posição claramente subordinada nas dimensões de credenciais e autoridade na esfera do trabalho, porém cujas relações de trabalho preservam mais claramente as interdependências assimétricas que são características dos processos de exploração e dominação.
Trabalhador elementar	Aplicam sua capacidade de trabalho a tarefas simples, socialmente demandadas, mas desvalorizadas, e encontram-se submetidos a uma elevada assimetria de direitos e poderes incorporada na relação de emprego. Retrata a situação de destituição derivada de processos e circunstâncias que deprecia fortemente o valor da capacidade de trabalho.
Autônomo precário	São trabalhadores destituídos na prática de ativos de capital e de qualificação que reproduzem a sua atividade nos interstícios dos mercados de produtos e serviços.
Empregado doméstico	Os empregados domésticos exercem um trabalho de natureza não coletiva, isolado e disperso, produzem para uma unidade domiciliar valores de uso que se destinam ao consumo direto dos seus beneficiários. Retrata a situação de destituição derivada de processos e circunstâncias que deprecia fortemente o valor da capacidade de trabalho.
Trab. de subsistência	As pessoas que se dedicam pelo menos uma hora por semana para garantir a subsistência de algum membro do domicílio.
Trabalhador excedente	Formados por pessoas sem trabalho que tiveram alguma iniciativa de procurar trabalho – a enorme maioria no período de um mês – ou que estavam engajadas apenas na construção para o próprio uso.

Fonte: Figueiredo Santos, 2005; 2013.

A desigualdade na distribuição do estado de saúde é um tipo particular de diferença ou de importantes fatores influentes que potencialmente são passíveis de serem alterados. É uma diferença em que grupos sociais em desvantagem sistematicamente experimentam pior saúde ou maior risco de saúde que grupos em vantagem. A comparação entre grupos é necessária para avaliar equidade; comparações relevantes são entre grupos que diferem em termos de posição social subjacente (FIGUEIREDO SANTOS, 2011).

Conforme Figueiredo Santos (2011), não realizar a comparação entre estratos sociais em favor da comparação entre indivíduos em indicadores de saúde específicos solapa as preocupações de justiça distributiva. Além disso, é uma ocorrência relativamente rara que o estrato mais privilegiado não tenha o nível mais elevado de condições e de acesso à saúde (FIGUEIREDO SANTOS, 2011).

Como resultado da distribuição desigual, verifica-se o impacto negativo sobre o acesso a recursos definidores de chances de saúde como profissionais, hospitais, planos de saúde, compra de remédios, exames preventivos, entre outros fatores imprescindíveis na minimização de fatores riscos das doenças, o que resulta em um positivo estado de saúde (COCKERHAM, 2007).

A classificação socioeconômica para o Brasil permite observar e investigar os determinantes da desigualdade de saúde relacionados com as relações de propriedade, vinculados ao poder social no âmbito da organização do trabalho.

O posicionamento socioeconômico — adotando como variável de análise classe — permite elucidar as formas de causalidade direta nas desigualdades em saúde. Além disso, as observações a partir do posicionamento podem delinear os processos de mediação ou inter-veniência de classe com outras categorias, como gênero, raça, por exemplo, nas chances de acesso aos recursos promotores de saúde (FIGUEIREDO SANTOS, 2011).

Com base nos dados, verifica-se a relevância deste estudo para análise dos vetores da saúde em relação às estruturas econômicas. Conforme Cockerman (2007), as mesmas vantagens, recursos e experiências que outras variáveis focais obtiveram associadas (ainda que parcialmente) às desigualdades de classe foram assimiladas pela saúde.

METODOLOGIA

A tipologia de classes empregada no estudo de caso é a classificação socioeconômica para o Brasil, construída pelo sociólogo José Alcides Figueiredo Santos. Será utilizado o Suplemento Saúde da PNAD do ano de 2008 para a autoavaliação do estado de saúde. Na PNAD, há a possibilidade de o respondente optar pelas respostas “muito bom”; “bom”; “regular”; “ruim” e “muito ruim”. Neste artigo são utilizadas as categorias “muito bom”, “bom”, “regular”. A variável autoavaliação do estado de saúde é a linha-AVAREF. na Variável linha-AVAREF.

O *software* utilizado é o SPSS, com o procedimento *Crosstabs* e a técnica de estatística multivariada anacor. Embora o *crosstabs* forneça o agrupamento de dados (em formato de casos) para tabelas de contingência, esta estatística indica uma correlação entre as variáveis. No entanto, não fornece uma visão clara da natureza da relação estatística. Uma forma de produzir uma alternativa relevante a este problema é o mapa construído em um espaço bidimensional. Neste caso o procedimento do SPSS é chamado anacor (BASTOS, 2010).

O procedimento anacor calcula *scores* para as linhas e colunas e produz gráficos baseados nestes valores. O gráfico gerado depende do método de normalização utilizado. Na mesma direção da normalização adotada por Luppe et al (2008, p. 390), empregou-se neste artigo: “utilizou-se a projeção simétrica, que permite examinar simultaneamente as relações entre linhas e colunas da tabela de contingência, ou seja, as relações entre todas as categorias de ambas as variáveis”.

As categorias similares aparecem no gráfico próximas umas das outras. Esta alternativa metodológica permite identificar quais as categorias de uma variável são similares ou quais categorias das duas variáveis referenciadas estão relacionadas estatisticamente (BASTOS, 2000).

1- Métodos de Normalização

A inércia de cada dimensão, ou seja, a proporção da variância explicada em cada dimensão pode ser verificada pelos quatro métodos de normalização. Destacando que estes métodos alteram apenas os *scores* e as variâncias: Linha ou *Overview Row Points*; Coluna ou *Overview Column Points*; *Symmetrical*; Principal.

Quadro 4 - Métodos de Normalização

Se queremos analisar	Devemos utilizar	Que consiste em	Interpretação
Diferenças ou similaridades entre categorias da variável de linha.	Rprincipal	Max (distância entre pontos de linha).	As distâncias entre pontos de linha se aproximam das distâncias χ^2 .
Max (distância entre pontos de linha).	Cprincipal	Max (distância entre pontos de coluna).	As distâncias entre pontos de coluna se aproximam das distâncias χ^2 .
Diferenças ou similaridades entre categorias da variável de linha e entre categorias da variável de coluna, (mas não diferenças entre variáveis).	Principal	Distância entre a linha ou coluna e seu perfil médio de linha ou coluna	As distâncias entre os pontos de linha e os pontos de coluna se aproximam das distâncias χ^2 .
Diferenças ou similaridades entre variáveis	Canonical - (default)	Para cada dimensão as linhas são a média ponderada das colunas divididas pelo valor singular (eigenvalue) correspondente, e as colunas são as médias ponderadas das linhas divididas pelo valor singular (eigenvalue) correspondente.	

Fonte: Material didático de apoio - Análise de Dados Categóricos (BASTOS, 2010).

a) Linha ou *Overview Row Points*

A variável linha é constituída pela variável Tipbrarecodificada (Tabela 1). Capitalista, peq empregador, aut ativos, auto agrícola, aut especialista, gerente, qualificado, supervisor, Trab elementar, aut precário, doméstico, dest agrícola, subsistência, excedent.

Observando o comportamento das categorias da variável Tipbrarecodificada na autoavaliação do estado de saúde “regular”, verificou-se o distanciamento entre as categorias capitalista e autônomo especialista e as categorias trabalhador elementar, doméstico e excedente. Os dados apresentaram um comportamento de distanciamento entre as categorias dos domésticos, destituídos agrícolas e subsistência que ajudam a perceber o contraste entre as categorias “muito bom” e “regular”.

A observação da linha amplia o escopo de análise e a importância em fazer este estudo exploratório à medida que a *active margin* indica a participação dos grupos de classe na estrutura social brasileira. Demonstra, ainda, a distribuição interna de cada categoria de classe.

b) Coluna ou *Overview Column Points*

2- Dimensões: inércia e valor singular

O número máximo de dimensões (eixos nos gráficos) que pode ser estimado é um a menos do que o menor número entre a quantia de linhas ou de colunas (Tabela 1) (LUPPE et al, 2008). Por meio dos dados da pesquisa: Linha: 15 categorias; C: 3 categorias.

Cálculo de dimensões

$$N^{\circ} \text{ máximo de dimensões} = \min(L, C) - 1 \longrightarrow N^{\circ} \text{ máximo de dimensões} = \min(15, 3) - 1 =$$

Por meio da técnica multivariada anacor, as informações são hierarquizadas em uma ordem decrescente do grau de informação. A análise dos dados demonstrou que as duas variáveis são dependentes entre si. O valor do χ^2 é 577509,199, com significância de ,000^a.

Tabela 2 - *Summary**

Dimension	Singular Value	Inertia	Chi Square	Sig.	Proportion of Inertia		Confidence Singular Value	
					Accounted for	Cumulative	Standard Deviation	Correlation ²
1	,201	,040			,953	,953	,000	,195
2	,045	,002			,047	1,000	,000	
Total		,042	577509,199	,000 ^a	1,000	1,000		

^a- 28 degrees of freedom

* Dados gerados pela autora. Suplemento Saúde/ Pnad 2008. SPSS 15.

Os valores singulares são os valores do coeficiente de correlação *R de Pearson* entre os *scores* em linha e em coluna, existindo um valor singular para cada dimensão (PESTANA & GAGEIRO, 2005). A dimensão 1 apresenta o valor de 0,201, e a dimensão 2 apresenta o valor de 0,045. Os valores singulares são importantes, pois eles medem o contributo de cada uma das dimensões para explicar a variação dos dados (PESTANA & GAGEIRO, 2005).

Já o quadrado de cada valor singular – a inércia das dimensões – é uma importante medida para cada dimensão. A inércia das dimensões é a proporção da variância dos dados explicada por cada dimensão. Esta inércia corresponde ao quociente entre a respectiva inércia e a inércia total (PESTANA & GAGEIRO, 2005).

O valor da inércia total (variância explicada) é igual a ,042 (4,20%), o que demonstra que, embora haja uma associação significativa entre posicionamento socioeconômico (com medida classe) e a autoavaliação do estado de saúde, ela é relativamente fraca.

3. Contribuição

Cada categoria contribui para a inércia de cada dimensão. Quanto maior o valor da contribuição da categoria, mais dominante e diferenciada permanece das demais categorias (PESTANA; GAGEIRO, 2005).

Overview Row Points

A categoria “regular” é o ponto para a inércia da dimensão 1 que mais contribui para a explicação da variância dos dados, 0,645. Já na contribuição do ponto para a inércia da dimensão 2 a categoria “muito bom” destacou-se das demais com 0,457.

As correlações ao quadrado são a contribuição da dimensão para cada ponto. Estas correlações implicam a qualidade da explicação do modelo para cada ponto (PES-TANA; GAGEIRO, 2005). “É o percentual da variância de cada ponto explicado por uma dimensão. Quanto maior o valor da contribuição de cada dimensão para um ponto específico, melhor” (BASTOS, 2010). Os pontos mais proeminentes para a análise são aqueles de maiores valores e localizados na dimensão predominante. Os dados indicaram a categoria “regular”, 0,989 na Dimensão 1.

Tabela 4 - Overview Row Points

tipbreecodificada	Mass	Score in Dimension		Inércia	Contribution				
		1	2		Of Point to Inertia of Dimension		Of Dimension to Inertia of Point		Total
					1	2	1	2	
capitalista	,001	-,809	,770	,000	,002	,009	,832	,168	1,000
pequ empregador	,009	-,162	,324	,000	,001	,021	,528	,472	1,000
aut ativos	,022	,102	,207	,000	,001	,021	,519	,481	1,000
auto agricola	,018	,858	,257	,003	,066	,027	,980	,020	1,000
aut especialista	,005	-1,014	,953	,001	,023	,091	,835	,165	1,000
Gerente	,013	-,672	,533	,001	,030	,085	,877	,123	1,000
especialista	,025	-,912	,740	,005	,105	,309	,872	,128	1,000
qualificado	,053	-,524	,079	,003	,073	,007	,995	,005	1,000
supervisor	,012	-,437	,095	,000	,011	,002	,990	,010	1,000
trabalhador elementar	,340	-,270	-,121	,005	,123	,111	,957	,043	1,000
aut precário	,109	,155	-,225	,001	,013	,123	,680	,320	1,000
doméstico	,111	,432	,162	,004	,103	,065	,970	,030	1,000
dest agricola	,088	,478	-,144	,004	,100	,041	,980	,020	1,000
subsistência	,050	1,158	,279	,014	,334	,087	,987	,013	1,000
excedente	,142	-,134	-,013	,001	,013	,001	,998	,002	1,000
Active Total	1,000			,042	1,000	1,000			

* Dados gerados pela autora. Suplemento Saúde/ Pnad 2008. SPSS 15.

Overview Column Points

A categoria Subsistência é o ponto para a inércia da Dimensão 1 que mais domina e se distancia das outras categorias para a explicação da variância dos dados, 0,333. A segunda categoria a mais contribuir é o trabalhador elementar, 0,123. Já na contribuição do ponto para a inércia da Dimensão 2 a categoria Especialista destacou-se das demais com 0,309. A categoria autônomo precário se distanciou em segundo lugar, com 0,123.

A contribuição da dimensão 1 para a inércia do ponto é determinantemente preponderante em todas as categorias (tabela 3). Este dado coaduna com a informação do *Summary** (tabela 1) que demonstrou que a dimensão 1 contribui com 0,40 com a explicação da variação dos dados. A categoria excedente chega a contribuir com 0,998.

Tabela 3 - Overview Column Points

AVAREF	Mass	Score in Dimension		Inertia	Contribution				
		1	2		Of Point to Inertia of Dimension		Of Dimension to Inertia of Point		
					1	2	1	2	
muito bom	,207	-,572	,315	,014	,336	,457	,937	,063	1,000
Bom	,584	-,080	-,175	,002	,019	,397	,483	,517	1,000
Regular	,209	,787	,176	,026	,645	,145	,989	,011	1,000
Active Total	1,000			,042	1,000	1,000			

* Dados gerados pela autora. Suplemento Saúde/ Pnad 2008. SPSS 15

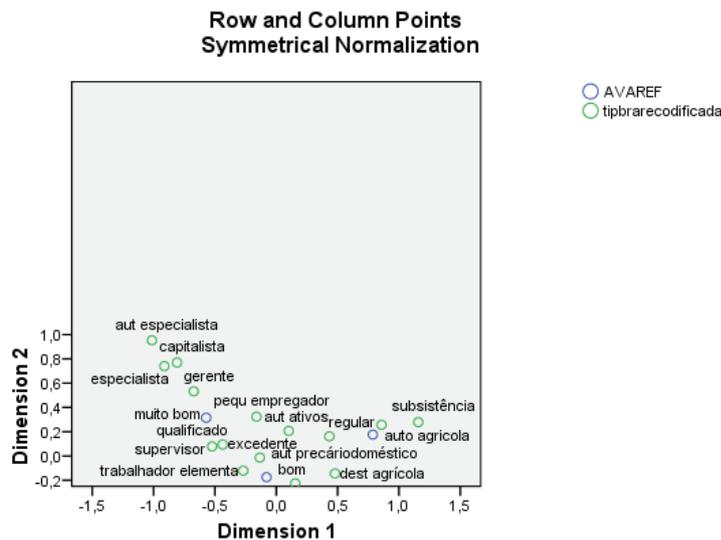
Mapa de Correspondência ou Mapa Perceptual

As categorias que compõem cada variável possuem uma posição espacial no mapa perceptual ou no mapa de correspondência. Conforme Bastos (2010), as distâncias Euclidianas do gráfico se aproximam das distâncias χ^2 na tabela. “Sua arquitetura está ligada a princípios geométricos, o que resulta num dispositivo gráfico denominado ‘Mapa de Correspondência’, em que é permitido visualizar tais relações” (LOURENÇO, p. 106, 1997).

No mapa estão representadas as relações de proximidade geográfica. Pode ocorrer uma relativa similaridade das categorias de uma mesma variável. É possível, ainda, ocorrer a aproximação ou o distanciamento entre as categorias de duas variáveis distintas (FÁVERO, 2016-SD).

As categorias mais explicativas das relações são aquelas que possuem a maior inércia por dimensão. Como a projeção destas relações nas dimensões é identificada a partir dos pontos no plano, as categorias que possuem a maior inércia estão mais afastadas da origem (LUPPE et al, 2008).

GRÁFICO I – Normalização Simétrica



* Dados gerados pela autora. Suplemento Saúde/SPSS 15. Pnad 2008.

Verificou-se no mapa, na variável Tipbrarecodificada, na dimensão 2, a similaridade entre as categorias autônomo especialista e capitalista. Há a predominância das categorias autônomo especialista (que se encontra na região social das localizações privilegiadas da classe média) e capitalista (caracterizada pela posição privilegiada e os ativos de capital).

Já na dimensão 1, a similaridade é maior entre os subsistentes e os autônomos agrícolas. A aproximação entre as diferentes categorias das variáveis Tipbrarecodificada e Avaref pode ser constatada com a aproximação da categoria “regular” e a categorias “subsistência”, “autônomo agrícola” e “precário”.

A literatura indica (FIGUEIREDO SANTOS, 2011; 2013; LINK; PHELAN, 1995; PHELAN; LINK; TEHRANIFAR, 2010) que os grupos melhor posicionados na posse de recursos econômico e social desfrutarão de saúde e bem-estar de forma mais abrangente se comparados àqueles da menor escala social. Os dois eixos centrais das causas fundamentais, condições sociais e riscos dos riscos, envolvem o acesso (ou o não acesso) aos amplos serviços e recursos e influencia os múltiplos fatores de risco e as múltiplas consequências da doença. É importante observar que tanto os benefícios como as assimetrias geradas pelos condicionamentos sociais e pela distribuição do conhecimento, poder e prestígio na estrutura social brasileira impactam ou na minimização de riscos e de doenças ou na reprodução destes riscos e doenças (LINK; PHELAN, 1995).

CONCLUSÃO

Os dados indicaram uma associação positiva, relativamente fraca, entre o posicionamento socioeconômico – variável de análise de posicionamento, classe – e autoavaliação do estado de saúde, 0,042. A dimensão 1 foi a mais proeminente na capacidade explicativa da variância dos dados.

Obteve-se, na análise da contribuição da dimensão 1 para a inércia do ponto no *Column Points*, a contribuição da dimensão 1 em relação à dimensão 2 em todas as categorias. A categoria excedente contribui com 0,998.

O estudo verificou indicou que, apesar da relativamente baixa explicação fornecida pela medida de posição socioeconômica – medida classe – com a autoavaliação de saúde, indiscutivelmente houve uma tendência linear do topo das categorias de classe em relação ao melhor estado de saúde até uma pior avaliação do estado de saúde referente às categorias da base da estrutura social brasileira. O mapa bidimensional indicou essas associações e as relações de similaridades entre as categorias do topo da classificação socioeconômica e as relações de proximidade destas categorias privilegiadas e a autoavaliação do estado de saúde “muito bom”.

A técnica de análise de correspondência deu conta do objetivo descritivo de verificação da associação entre o posicionamento socioeconômico – medida classe – e a autoavaliação do estado de saúde, tornando mais clara e precisa a posição das relações estabelecidas entre as categorias, similaridades, aproximações ou as distâncias no mapa perceptual.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, José Leopoldo Ferreira (2015). Desigualdades em saúde. Entrevista com Nancy Krieger. *Tempo Social*. v. 27, n. 1. São Paulo: USP.
- BASTOS, Ronaldo (2010). Análise de Dados Categóricos. In: Métodos Estatísticos Computacionais. UFJF. *CD ROOM*.

Posição socioeconômica, classe e autoavaliação do estado de saúde: aplicação da técnica da análise de correspondência – pesquisa suplementar de saúde da Pnad/2008.

BATISTA, L. E.; ESCUDER, M. M. L.; PEREIRA, J. C. R (2004). A cor da morte: causas de óbito segundo características de raça no Estado de São Paulo, 1999 a 2001. *Revista de Saúde Pública*, v. 38, n. 5, p. 630-636.

BOUDON, Raymond; BOURRICAD, François (2007). *Dicionário Crítico de Sociologia*. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática

COCKERHAM, William (2007). *Social Causes of Health and Disease*. Polity Press.

BREEN, Richard. Weberian Class Analysis. In: *Approaches to Class Analysis* (org). WRIGHT, EO (2005). Acesso em: julho 2008. Disponível em: <https://www.ssc.wisc.edu/~wright/Found-c2.PDF>

FÁVERO, Luiz Paulo. Análise de Correspondência (ANACOR). EAC 0355 – Análise Multivariada. *Tópicos de Aula*. Sem data – Consulta em 17/07/2016. disciplinas.stoa.usp.br/mod/resource/view.php?id=494937.

FIGUEIREDO SANTOS, José Alcides (2013). *Esquema de Classe para Abordar a Desigualdade de Saúde no Brasil*. Cadernos do Itaboraí. Vol. 1, nº 1. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

_____. (2011). Classe social e desigualdade de saúde no Brasil. *Revista brasileira de Ciências Sociais* [online]. vol. 26, n.75., p. 27-55. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092011000100002&lng=pt&nrm=iso.

_____. (2008). Classe social e desigualdade de gênero no Brasil. *Dados – Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro. IESP, v. 51, n. 2, 353-402.

_____. (2007). A abordagem de análise de classe de John Goldthorpe. In: SALGADO, Gilberto Barbosa. (Org.). *Cultura e instituições sociais*. Juiz de Fora: EDUFJF, p. 87-115.

_____. (2005). Uma classificação socioeconômica para o Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Anpocs, v. 20, n. 58, p. 27-45.

_____. (2002). *Estrutura de posições de classe no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ.

GOLDTHORPE, John; MARSHALL; Gordon (1992). The Promising Future of Class Analysis: A Response to Recent Critiques. *Sociology*. vol. 26 nº. 3, p. 381-400.

GOLDTHORPE, John; MCKNIGHT, Abigail (2004). The Economic Basis of Social Class. *CASEpaper*. London: n. 80. , p.1-30. fev. Disponível em:

<http://sticerd.lse.ac.uk/dps/case/cp/CASEpaper80.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2009.

GOLDTHORPE, John; ERIKSON; Robert (1992). *The constant flux: a study of class mobility industrial societies*. Oxford: Clarendon Press.

KLEIN, Richard; HUANG, David (2010). *Defining and measuring disparities, inequities, and inequalities in the Healthy People initiative*. National Center for Health Statistics Centers for Disease Control and Prevention.

LINK, Bruce; PHELAN, Jo. (1995), Social Conditions as Fundamental Causes of Disease. *J Health Soc Behav. Spec*, p. 80-94. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2626958>.

LYNCH, John; KAPLAN, George (2000). Socioeconomic Factors. In: BERKMAN, Lisa; KAWACHI, Ichiro. *Social Epidemiology*. p. 13-35. New York: Oxford University Press.

LOURENÇO, Eliana Bernardes (1997). *Avaliações: contribuições da análise de correspondência para a avaliação do docente*. Dissertação de mestrado em Educação. Campinas: Unicamp.

LUPPE, Marcos Roberto; ANGELO, Claudio Felisoni de; GHISI, Flávia Angeli; VANCE, Patrícia de Salles (2008). Análise da evolução das empresas supermercadistas brasileiras no período de 2002 a 2006. *Rev. Adm. UFSM, Santa Maria*, v. 1, n. 3, p. 383-401, set./dez. Disponível em: <http://periodicos.ufsm.br/reaufsm/article/viewFile/624/464>.

MALOUTAS, Thomas (2007). Socio-economic classification models and contextual difference: the European Sócio-economic Classes (ESeC) from a south european angle. *South European Society & Politics*. (13) 13, p. 311-332.

MASSEY, Douglas (2008). How Stratification Works. In: Categorically Unequal. *The American Stratification System*. Russell Sage Foundation.

PESTANA, Maria Helena; GAGEIRO, João Nunes (2005). In: Análise Factorial de Correspondência. Análise de Dados para Ciências Sociais – A complementaridade do SPSS. 4 ed.- Lisboa: Silabo. Disponível: https://pascal.iseg.ulisboa.pt/~vescaria/mqa/cap8_Pestana_Gageiro.pdf.

PHELAN, Jo; LINK, Bruce; TEHRANIFAR, Parisa. Social Conditions as Fundamental Causes of

Health Inequalities: Theory, Evidence and Policy Implications. In: Journal of Health and Social Behavior. November, 2010 vol. 51 no. 1 supplS28-S40. Disponível em: http://hsb.sagepub.com/content/51/1_suppl/S28#cited-by. Acesso em: 21 out 2014.

SOLAR, Orielle; IRWIN, Alec (2010). A conceptual framework for action on the social determinants of health. *Social Determinants of Health Discussion*. Paper 2 (Policy and Practice). Geneva: World Health Organization.

Suplemento Saúde PNAD/IBGE, 2008.

WRIGHT, Erik (2003). Class Social. In: George Ritzer (org). *Encyclopedia of Social Theory*. Beverly Hills: Sage.

Marcela Fernanda da Paz de Souza

Pós-doutoranda em Estudos Urbanos e Regionais na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), bolsista PNPD - linha Estado e Políticas Públicas. Doutora em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora.